

O “GAUDEAMUS IGITUR” E A TRADIÇÃO ACADÊMICA

Dárcio Roberto Martins Rodrigues*

I - Introdução

Desde o surgimento das primeiras universidades, na Idade Média, a vida estudantil e o convívio acadêmico foram gerando costumes, usos e tradições próprios, que se foram acumulando ao longo dos séculos e formando um rico e variegado “folclore” universitário. Algumas dessas tradições podem ter caído em desuso, sendo abandonadas com o passar do tempo; outras, porém, perpetuaram-se até os nossos dias e arraigaram-se entre as práticas do ensino superior com a força quase de uma verdadeira instituição. Entre estas últimas poderíamos mencionar, como exemplo trivial e apodíctico, o hábito de tolerar, para o início de conferências, preleções, seminários e demais atividades universitárias, um atraso de até quinze minutos. Conhecido na Alemanha como “*akademisches Viertel*” e na Itália como “*quarto d’ora academico*”, esse costume é tão comum que já se tornou praxe nas universidades européias – e mormente nas alemãs – que, ao ser anunciado algum evento acadêmico, seja informado ao público por meio das siglas “*c.t.*” e “*s.t.*” se o horário estabelecido é “*cum tempore*” ou “*sine tempore*”; na primeira hipótese, será observado o “quarto de hora acadêmico”, ou seja, caso algum participante se atrase, terá o direito de ser esperado por até quinze minutos, sem que o evento seja iniciado em sua ausência; na segunda hipótese, o evento terá início pontualmente na hora marcada, sem observância do quarto de hora de tolerância, não se aguardando nenhum retardatário. Há quem diga que foi desse “quarto de hora acadêmico” que se originou a norma de fixar em quarenta e cinco minutos o tempo regular de uma aula, contado porém nos currículos escolares como uma hora/aula.

Em toda a Europa, onde tiveram origem essas tradições acadêmicas, elas são generalizadamente conhecidas e respeitadas. Qualquer pessoa que lá tenha estudado, ou que tenha passado algum período em atividade de pesquisa junto a instituições universitárias européias, pode atestar isso. No Brasil, porém, dado o distanciamento geográfico e a própria inexistência, por razões históricas, de uma antiga e sólida tradição acadêmica, muito dessa riqueza cultural parece ter-se perdido, como que extraviada em algum ponto na travessia do Atlântico.

Um pouco disso já se nota nas suas manifestações mais exteriores, superficiais, e de menor importância – como por exemplo após as conferências ou seminários entre intelectuais universitários: no Brasil, aplaude-se o palestrante batendo palmas (como se faria num teatro ou circo), ao passo que a melhor etiqueta universitária européia exigiria que o aplauso se manifestasse por meio de discretas pancadinhas com os nós dos dedos sobre a mesa ou carteira (tal como se pode observar muitas vezes em filmes europeus ou mesmo

* Professor Doutor de Direito Romano e Latim Jurídico Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo

americanos). Há, porém, outros aspectos menos superficiais e de mais alto relevo, tais como o desconhecimento de histórias e lendas, poemas e canções, valores culturais e princípios que formam o próprio espírito da tradição universitária.

Uma das mais belas e interessantes dessas tradições é o já secular hino estudantil “*Gaudeamus Igitur*”, indefectível nas celebrações e festividades universitárias em todo o mundo. Tendo sido escrito em latim – desde sempre a língua universal da cultura e da ciência – revela um caráter e uma vocação cosmopolita, tendo atravessado oceanos e se popularizado por toda parte. Em nosso país, no entanto, continua praticamente desconhecido. Entendendo que a universidade brasileira não se pode alhear à cultura comum da comunidade acadêmica internacional – à qual ela também pertence, e com orgulho – dispusemo-nos aqui a apresentar ao público brasileiro um muitíssimo desprezioso esboço das origens históricas desse hino¹, expondo as razões de sua importância para a tradição estudantil brasileira e mundial. Para a mais ampla divulgação de sua letra e melodia, apresentamos, ao final, a partitura musical e a íntegra dos versos em latim, devidamente acompanhados de tradução portuguesa de nossa lavra.

II – A origem do “*Gaudeamus Igitur*”

Se existe, na história das tradições estudantis, uma canção que pode ser considerada um verdadeiro “hino acadêmico universal”, essa canção é com certeza o *Gaudeamus Igitur*. Sua origem parece ser muito antiga. Na verdade, há registro de que já nos séculos XV e XVI houvesse na Alemanha cantigas folclóricas que começavam com “*Gaudeamus*”, e no século XVI registra-se mesmo a existência de uma canção de exaltação à primavera chamada “*Gaudeamus Igitur*”. No meio acadêmico em particular, a referência mais antiga é de que já em 1518, na Universidade de Heidelberg, foi oferecida uma cerimônia em homenagem ao reformador religioso Dr. Martin Luther (ou Martinho Lutero), durante a qual se cantou uma certa canção de nome “*Gaudeamus Igitur*”. Essas canções, porém, não devem ser a mesma que hoje conhecemos com esse nome, e provavelmente tinham pouco em comum com ela.

O texto atual do “*Gaudeamus Igitur*” é muito antigo e de autoria desconhecida. Um manuscrito latino datado de 1287 e hoje conservado na Biblioteca Nacional de Paris registra um poema cujas palavras iniciais são “*Scribere proposui*”, e que inclui duas estrofes quase idênticas à segunda e terceira estrofes da canção hoje por nós conhecida. Há que se notar, porém, que as palavras “*gaudeamus igitur*” não aparecem nesse manuscrito; além disso, embora o manuscrito também indique uma melodia para acompanhar os versos, ela em nada se assemelha à que hoje é tão famosa. Uma tradução ou adaptação alemã desses versos latinos foi feita em 1717 por Johann Christian Günther (começando com as palavras “*Brüder, laßt uns lustig sein*”), e o texto alemão publicado, sem música, em Frankfurt e Leipzig em 1730, sob o título *Sammlung von Johann Christian Günther*. Depois do referido

¹ As informações históricas apresentadas neste esboço podem ser encontradas, “*passim*”, nas obras indicadas na referência bibliográfica *infra*.

documento do século XIII, o texto só vai aparecer novamente em um livro de canções estudantis de data incerta entre 1723 e 1750, hoje existente em forma de manuscrito na Westdeutsche Bibliothek de Marburg. Há que se notar, contudo, que esse texto ainda difere consideravelmente da sua versão atual.

O registro escrito mais antigo do texto latino hoje conhecido é de 1740, em um *Liederbuch* (livro de canções) compilado na Universidade de Altdorf pelo barão Albrecht Ernst Friedrich von Craillsheim, antigo tesoureiro do rei da Baviera. Nessa obra, a canção aparece com apenas três estrofes, terminando com aquela que diz “*Vita nostra brevis est*”. Uma versão com seis estrofes apareceu pela primeira vez em 1776 numa publicação na cidade de Jena, na qual porém as três últimas estrofes, “*Vivat academia*”, “*Vivant omnes virgines*” e “*Pereat trifolium*”, diferiam muito da forma como hoje se apresentam.

A canção fixou-se na forma atual em 1781, quando o *Magister* Christian Wilhelm Kindleben (1748 - 1785) publicou o primeiro livro de canções estudantis (*Studentenlieder*, Halle, 1781), contendo 30 canções tradicionais e mais 33 novas, de sua autoria. Foi Kindleben quem por primeiro transmitiu, na página 52 daquela obra, a canção tal como hoje é ainda cantada; o autor admite, na página 56, ter operado substanciais alterações no texto latino original. Ademais disso, sentindo que era conveniente agradar ao então monarca Friedrich (ou Frederico), o Grande, da Prússia, acrescentou por sua conta a estrofe “*Vivat et respublica*”. Não adiantou muito, pois Kindleben era politicamente malquisto e, mesmo tendo sido a princípio autorizado pelo pró-reitor e pelo conselho geral da Universidade de Halle, seu livro foi depois proibido pelo próprio rei da Prússia (o qual, provavelmente, nunca teve o livro em mãos e o proibiu apenas a conselho de seus assessores). Essa proibição selou o destino de Kindleben, que recebeu da universidade o “*consilium abeundi*” — ou seja, foi expulso do corpo docente — e encerrou assim, aos 37 anos, sua carreira acadêmica e também a literária.

O livro de Kindleben originalmente continha apenas a letra, sem a partitura da melodia, a qual só apareceu numa edição de 1788 (*Lieder für Freunde der geselligen Freude*, Leipzig, 1788, pág. 24), acompanhada do texto alemão da supradita tradução de Günther. Acredita-se, porém, que essa melodia seja muito mais antiga (pelo menos anterior a 1717) e que já fosse correntemente utilizada com o “*Gaudeamus Igitur*” à época de Kindleben, embora talvez ainda concorresse com uma outra mais antiquada, em andamento de sarabanda, e que se soa igualmente entoar com as palavras dessa canção. Por outro lado, há indícios de que aquela melodia, que cantamos ainda hoje, fosse inicialmente muito popular por si só, antes até de vincular-se definitivamente aos versos do “*Gaudeamus Igitur*”. De fato, no *Akademisches Liederbuch* de August Niemann (Dessau e Leipzig, 1894), nada menos que três poemas diferentes parecem ser indicados para cantar com a mesma melodia. Ao que consta, a primeira apresentação pública dos versos latinos ao som dessa melodia teria ocorrido na ópera *Doktor Faust* de Ignaz Walter, encenada em Bremen no ano de 1797. No entrecho dessa ópera, um grupo de estudantes entoaria a canção em um momento festivo, em meio a libações. Infelizmente, nenhum registro escrito da partitura de Walter sobreviveu

para comprovar esse momento histórico. De todo modo, parece certo que pelo final do século XVIII o “*Gaudeamus Igitur*”, com letra e música tal como hoje o cantamos, já fosse grandemente apreciado no meio estudantil.

No princípio, o “*Gaudeamus Igitur*” era um simples lamento acerca da transitoriedade das coisas deste mundo, mas com o tempo e com as novas estrofes que se acrescentaram às três originais, ganhou os contornos de uma exaltação ao “*carpe diem*”, e findou por se revelar a mais autêntica expressão da alegria e prazer de viver típicos da juventude estudantil. Não tardou em ser espontaneamente adotado pelos estudantes de toda parte como um verdadeiro hino acadêmico.

Da Alemanha, a canção se espalhou pelo mundo. Entre os grêmios estudantis austríacos, por exemplo, “*Gaudeamus Igitur*” é por tradição o canto de abertura de toda e qualquer festividade dos estudantes. Também costuma ser parte integrante de atos festivos oficiais das universidades — não sem certo desagrado para alguns estudantes, que não gostam de ver a “sua” canção assim apropriada oficialmente pela administração da universidade e pelos professores.

No século XIX começou a surgir o hábito de compor variantes do “*Gaudeamus Igitur*”, criando novas estrofes ou adaptando-as a cada país ou a ocasiões especiais. Nessa época surgiu uma versão especificamente austríaca, composta por ocasião da fundação da “Alma Mater Francisco-Josephina” em Czernowitz, e que na sexta estrofe dizia: “*Vivat et respublica, gloriosa Austria*”. Criaram-se ainda versões para ser entoadas por pessoas de idade (que se sentiam desconfortáveis com o verso “*iuvenes dum sumus*”, e principalmente com a alusão à “*molesta senectus*”), e por estudantes do sexo feminino (que se incomodavam com o tom “machista” da estrofe “*vivant omnes virgines*”). Na Romênia, durante o período comunista, surgiu até uma versão que acrescentava uma estrofe nova, “*vivat proletaria*”(!). A canção, finalmente, cruzou o oceano e passou a ser apreciada até nos Estados Unidos, muitas vezes com novas versões locais e cantada com sotaque americano.

De tão famosa, a canção do “*Gaudeamus Igitur*” inspirou e influenciou compositores eruditos. Franz Liszt compôs um *humoresque* “*Gaudeamus Igitur*” (1871), Franz von Suppé empregou a tradicional melodia na abertura de sua opereta “*Flotte Bursche*” (1863), que narra histórias de estudantes. Gottfried von Einem dedicou-lhe um movimento dos seu “*Hexameron*” (1972). A mais famosa variação dessa melodia foi porém criada por Johannes Brahms na sua “*Akademische Festouvertüre*” (1881). Mas até no musical “*The Student Prince*” de Siegfried Rhombert a melodia é evocada.

Sendo quase um hino universitário, o *Gaudeamus Igitur* é muitas vezes utilizada no Cinema, nas cenas em que se deseja representar um ambiente genuinamente acadêmico. Por exemplo, nos filmes “*Ball of Fire*”, de Howard Hawks (de 1941, com Gary Cooper e Barbara Stanwyck); “*The Mortal Storm*” de Frank Borzage (de 1940, com James Stewart e Margaret Sullivan); “*Rosalie*”, de W. S. Van Dyke (de 1937, com Nelson Eddy e

Eleanor Powell); muito brevemente (apenas as primeiras notas musicais são evocadas) numa cena de *"Made for Each Other"*, de John Cromwell (1939, com Carole Lombard e James Stewart), bem como no *"Cloak and Dagger"* de Fritz Lang (1946, com Gary Cooper e Lilli Palmer); em *"Arabesque"* (1966) de Stanley Donen, Gregory Peck interpreta um professor universitário, e canta o *Gaudeamus Igitur* em uma cena famosa, montado em uma bicicleta. A canção aparece ainda, de forma apoteótica, na cena final de *"People Will Talk"*, de Joseph L. Mankiewicz (de 1951, com Cary Grant e Jeanne Crain); além disso, há a versão filmada de *"The Student Prince"*, de Richard Thorpe (de 1954, com Ann Blyth, Edmund Purdom e a voz de Mario Lanza nas canções), onde também se ouve o *Gaudeamus*, e poderíamos citar muitos outros exemplos assim.

PARTITURA PARA PIANO

Gaudeamus Igitur

$\text{♩} = 105$ (2)

Gau - de - a - mus i - gi - tur, iu - ue - nes dum su - mus
 U - bi sunt qui an - te nos in mun - do fu - e - re?
 Vi - ta nos - tra bre - uis est, bre - ui fi - ni - e - tur
 Vi - uat a - ca - de - mi - a! Vi - uant pro - fes - so - res.

Post iu - cun - dam iu - uen - tutem. post mo - les - tam se - nec - tutem
 Va - di - te ad su - peros. trans - i - te ad in - feros.
 Ve - nit mors ue - lo - ci - ter, ra - pit nos a - tro - ci - ter,
 Vi - vat mem - brum quod - li - bet, Vi - uant mem - bra quae - li - bet

Nos ha - be - bit hu - mus, nos ha - be - bit hu - mus
 U - bi iam fu - e - re, u - bi iam fu - e - re
 Ne - mi - ni par - ce - tur, ne - mi - ni par - ce - tur
 Sem - per sint in flo - re, Sem - per sint in flo - re

GAUDEAMUS IGITUR

*Gaudeamus igitur,
 Iuvenes dum sumus.
 Post iucundam iuventutem,
 Post molestam senectutem,
 Nos habebit humus.
 Ubi sunt qui ante nos
 In mundo fuere?
 Vadite ad superos,
 Transite ad inferos,
 Ubi iam fuere.
 Vita nostra brevis est,
 Brevi finietur.
 Venit mors velociter,
 Rapit nos atrociter.
 Nemini parcetur!
 Vivat academia!
 Vivant professores!
 Vivat membrum quodlibet!
 Vivant membra quaelibet!
 Semper sint in flore!
 Vivant omnes virgines
 Faciles, formosae!
 Vivant et mulieres
 Tenerae, amabiles,
 Bonae, laboriosae!
 Vivat et respublica
 Et qui illam regit!
 Vivat nostra civitas!
 Maecenatum caritas,
 Quae nos hic protegit!
 Pereat tristitia,
 Pereant osores!
 Pereat diabolus,
 Quivis antiburschius*
 Atque irrisores!*

Alegremo-nos, portanto,
 Enquanto somos jovens.
 Depois da jucunda juventude,
 Depois da molesta velhice,
 A terra nos terá.
 Onde estão os que antes de nós
 Estiveram no mundo?
 Ide aos céus,
 Transitai aos infernos
 Onde eles já estiveram.
 A nossa vida é breve,
 Em breve terminará.
 A morte vem velozmente,
 Apanha-nos atrozmente,
 Ninguém é poupado.
 Viva a academia!
 Vivam os professores!
 Viva qualquer membro!
 Vivam quaisquer membros!
 Estejam sempre em flor!
 Vivam todas as virgens
 Fáceis, formosas!
 Vivam também as mulheres
 Ternas, amáveis,
 Boas, laboriosas.
 Viva também a república
 E quem a governa!
 Viva a nossa cidade!
 A caridade dos mecenas,
 Que aqui nos protege!
 Pereça a tristeza,
 Pereçam os que odeiam!
 Pereça o diabo,
 Quem quer que seja anti-mocidade
 E também os escarneedores!

Bibliografia:

STEIGER, Günter e LUDWIG, Hans-Joachim, *Gaudeamus Igitur*, 3. ed. Leipzig, Bolko Schweinitz, 1989.

FULD, James J. *The Book of World Famous Music – Classical, Popular, and Folk*, Dover, Mineola, 1995.

**Antiburschius* - Neologismo inventado pelo autor dessa estrofe. Deriva do alemão "*Bursche*", que significa "moço, jovem, rapaz", e designava principalmente os membros das associações estudantis ("*Burschenschaften*"). Dessas associações tivemos um exemplo notável entre nós com a famosa "Bucha", fundada ainda no século XIX na Faculdade de Direito do Largo São Francisco pelo memorável Doutor Julius Frank.